



A VIOLÊNCIA PELA LINGUAGEM EM DISCURSIVIDADES SOBRE O NEGRO: DA LITERATURA AOS CAMPOS DE FUTEBOL

Ananias Agostinho da Silva

Universidade Federal Rural do Semi-Árido

RESUMO: A linguagem é uma forma de interação e de ação social, mas também de exercício de violência. Sim, porque é nela que se discursivizam as ideologias. Assim, muitas formas de preconceito, de exclusão, de coerção e de violência são exercidas por meio da linguagem. Em particular, neste artigo, refletimos sobre como se exerce a violência em discursividades sobre o negro, ou seja, como uma violência simbólica e psicológica se efetiva pela linguagem, pelo discurso, e afeta o sujeito negro, porque atinge a sua dignidade humana, a sua essência como pessoa. Para isso, tomamos como *corpus* de análise discursos que circulam em dois domínios distintos: o literário e o esportivo, mas que se orientam por uma mesma perspectiva ideológica, como espaços de exercício da violência contra o negro. A discussão desenvolvida tem respaldo, principalmente, nos dispositivos teóricos da Análise do Discurso e da Sociologia da Linguagem. A metáfora estereotipada e racista que sugere a comparação do negro com o macaco foi colocada em obras clássicas da literatura brasileira e parece ter sido reatualizada nos estágios de futebol do país. Alteram-se os contextos, mas mantém-se a mesma prática rotuladora e discriminatória que utiliza a linguagem como contorno de exercício da violência sobre o negro.

PALAVRAS-CHAVE: Violência. Linguagem. Negro. Literatura. Campos de futebol.

Introdução

Há palavras que ferem como a espada.

Salomão.

As palavras têm poder! Cuidado com o que diz! As palavras ferem!

Assertivas semelhantes integram o discurso do senso comum como forma de alerta sobre os usos que se faz da linguagem. Elas se baseiam em uma concepção mítica de poder, numa quimera de que é possível realizar algo de fantástico ou de sobrenatural por meio da linguagem. Malgrado essa dimensão mitológica da noção de poder da linguagem, de fato, ela, a linguagem, tem poder. Não se trata de um poder mítico, mas de um poder microfísico, que permite aos sujeitos fazer usos diversos da linguagem, permite utilizá-la como instrumento de conquista, de dominação, de imposição. Nesses processos, a linguagem também manifesta o exercício da violência. Não de uma violência física, mas de uma violência verbal, que pode ser simbólica, mascarada, disfarçada. É que na linguagem se discursivizam as ideologias e, assim, com efeito, mascaram-se na linguagem muitas formas de preconceito, de exclusão, de coerção e de violência.

(83) 3322.3222

contato@sinafro2018.com.br

www.sinafro2018.com.br

Partindo de tal premissa, pretendemos discutir, nesse artigo, sobre a violência exercida por meio da linguagem. Em particular, temos a intenção de refletir acerca de como se exerce a violência em discursividades sobre o negro, ou seja, como uma violência simbólica e também psicológica se efetiva pela linguagem, pelo discurso, e afeta o sujeito negro, porque atinge a sua dignidade humana, a sua essência como pessoa. Historicamente, os negros têm sofrido processos de violência de diversos tipos, especificamente a violência física, equivocadamente sustentada no argumento da escravidão. Importa destacar que na contemporaneidade, quando a escravidão foi abolida judicialmente, ainda o negro precisa saber enfrentar outros tipos de violência, como aquela que se efetiva na linguagem e por dela. Uma violência que se difere da física, mas que pode apresentar consequências psicológicas e sociais também bastante graves, a ponto de comprometer a vida do indivíduo que a sofre.

Para isso, tomamos como *corpus* de análise discursos que circulam em dois domínios distintos: o literário e o esportivo. O primeiro integra o livro *Caçadas de Pedrinho*, do escritor paulistano Monteiro Lobato. O segundo faz parte de uma notícia sobre esporte publicada no sítio eletrônico. Os dois se orientam por uma mesma perspectiva ideológica, como espaços de exercício da violência contra o negro: utilizam a metáfora estereotipada e racista que sugere a comparação do negro com o macaco. Longe de uma explicação científica fundada na teoria da evolução, a metáfora funda-se num tom pejorativo e preconceituoso, que tenta, a todo custo, desqualificar o negro por causa da tonalidade de sua pele. Assim, interessa-nos mostrar como essa metáfora colocada em obras clássicas da literatura brasileira parece ter sido reatualizada nos estágios de futebol do país. Nos dois casos, o emprego da metáfora exerce uma violência simbólica.

A discussão desenvolvida tem respaldo, principalmente, nos dispositivos teóricos da Sociologia da Linguagem e da Análise do Discurso. No primeiro caso, retomamos de Pierre Bourdieu as noções de poder simbólico e de violência simbólica, desenvolvidas pelo autor no quadro da sociologia. No âmbito da Análise do Discurso, buscamos trazer a discussão de que trata Michel Foucault sobre a relação entre discurso e poder, colocando que toda produção discursiva é controlada por uma série de procedimentos de segregação. Assim, em relação à organização desse trabalho, inicialmente realizamos uma resenha teórica considerando os dois autores citados. Em seguida, apresentamos as materialidades que constituem o *corpus* para procedermos à análise.

O poder da linguagem e a violência simbólica

Consoante o sociólogo Pierre Bourdieu (2010), o poder está em toda parte, em todos os lados, em todas as instituições, em todas as relações. Mas nem sempre conseguimos vê-lo. Não porque se trata de um substantivo abstrato, mas porque, às vezes, ele é completamente ignorado, quase despercebido, e, nesses casos, não facilmente podemos enxergá-lo. Todavia, é preciso saber descobri-lo justamente onde ele menos se deixa ver, onde ele é quase invisível. São situações em que se exerce um poder simbólico, “o qual só poder ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeito ou mesmo que o exercem” (p. 8). É por isso que não se lhe percebe ou se lhe conhece.

O poder simbólico se realiza por meio dos símbolos. Os símbolos são instrumentos de integração social por excelência. Um símbolo pode representar uma identidade, pode sugerir o reconhecimento de um grupo, de uma ideologia, de uma ideia, de uma forma de ser, de pensar o mundo. É um instrumento que torna possível a concordância entre as inteligências – usando o termo de

Émile Durkheim. Os símbolos tornam possível o *consensus* acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social. Ao passo que estabelecem o consenso, os símbolos impõem aos grupos uma ordem, determinada pelas classes dominantes. Mesmo os símbolos que refletem uma ideologia de um grupo dominado, como forma de revolução contra a ordem estabelecida, também sugerem a própria ordem da classe dominante, mesmo que seja como forma de subversão.

É que os sistemas simbólicos apresentam funções políticas que explicam as relações entre as produções simbólicas e os interesses das classes dominantes. Os sistemas simbólicos são sempre ideológicos e as ideologias servem interesses particulares que, segundo Bourdieu (2010), tendem a se apresentar como se fossem interesses universais, comuns ao conjunto do grupo. É por isso que as ideologias, as práticas culturais, as crenças de grupos dominantes são consideradas e impostas como naturais, como verdadeiras e corretas, em detrimento daquelas de grupos dominados. De fato, conforme observa o sociólogo, a cultura dominante contribui para a integração real da classe dominante (assegurando uma comunicação imediata entre todos os seus membros e distinguindo-os das outras classes) e para a integração fictícia da sociedade no seu conjunto e a desmobilização (falsa consciência) das classes dominadas. O que parece se pretender é somente a legitimação da ordem que se estabelece por meio da afirmação das distinções e a legitimação dessas distinções. De acordo com o autor, esse efeito ideológico produz a cultura dominante como que dissimulando a função de divisão na função de comunicação: a cultura que une (intermediário de comunicação) é também a cultura que separa (instrumento de distinção) e que legitima as distinções compelindo todas as culturas a definirem-se pela sua distância em relação à cultura dominante (p. 10-11).

As relações de comunicação que são estabelecidas por meio dos sistemas simbólicos são inseparáveis das relações de poder. As relações de poder não se estabelecem *a priori*, mas dependem sempre do poder material ou simbólico acumulado pelos agentes envolvidos nessas relações. Nos termos de Bourdieu (2010), isso significa que o poder simbólico não reside nos sistemas simbólicos em forma de uma força ilocucionária, mas que se define numa reação determinada – e por meio desta – entre os que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos. “O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras” (p. 15).

O poder da linguagem não está na linguagem *per se*, mas tem a ver com os agentes ou instituições que produzem a linguagem, com os contextos em que a linguagem é produzida. É por isso sempre um poder simbólico – como sendo o poder de constituir do dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e a ação sobre o mundo, de ver e de transformar o próprio o mundo. Uma espécie de “poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica)” (p. 15).

É principalmente através desse poder que os sistemas simbólicos impõem e legitimam a dominação das classes dominantes, ou seja, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outras, estabelecendo uma espécie de violência simbólica. Trata-se de uma forma de violência que se exerce com a cumplicidade dos que a sofrem e dos que a praticam, porque quase sempre é exercida de forma inconsciente. Nos termos de Bourdieu (2010), trata-se de uma forma de coerção fundada num acordo não consciente entre agentes e pacientes. É um tipo de violência que se desenvolve no campo de produção simbólica. Nasce das muitas lutas simbólicas entre as classes sociais que se travam nessa arena de produção dos sistemas simbólicos. Nessas

lutas, as classes dominantes visam impor a legitimidade da sua dominação por meio da própria produção simbólica e por intermédio dos ideólogos conservadores, os quais, para Bourdieu (2010, p. 12) “só verdadeiramente servem os interesses dos dominantes por acréscimo”.

Assim, a violência simbólica aparece como decorrência do exercício do poder simbólico. Para Bourdieu (1998), esse tipo de violência é invisível, passar despercebida pela maioria das pessoas – inclusive pelos agentes e pacientes. É uma violência silenciosa que se manifesta sutilmente nas relações sociais e resulta de uma dominação cuja inscrição é produzida num estado voltado para um conjunto de ideias e juízos tidos como naturais, conforme coloca o autor. É uma “violência suave, insensível, invisível às suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento” (BOURDIEU, 2003, p. 7-8). Uma violência difícil de ser combatida, porque, “[...] em termos de dominação simbólica, a resistência é muito mais difícil, pois é algo que se absorve como o ar, algo pelo qual o sujeito não se sente pressionado; está em toda parte e em lugar nenhum, e é muito difícil escapar dela” (BOURDIEU & EAGLETON, 2007, p. 270).

Discurso, poder e violência

A produção dos discursos é controlada. Isso significa que nem sempre podemos dizer o que queremos, onde queremos e da forma como queremos. O filósofo Michel Foucault sugere a existência de uma ordem do discurso. Segundo ele, “em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos” (FOUCAULT, 2012, p. 8-9).

A ordem do discurso separa os discursos que estão na ordem e os que estão fora da ordem do discurso. Assim, a produção dos discursos sofre censura: apenas os discursos que estão na ordem das relações de poder instituídas por uma sociedade, em um dado tempo, num dado espaço podem ser produzidos. Se um discurso fora da ordem é produzido, carece de ser imediatamente corrigido, porque é rejeitado. Na verdade, para que a ordem seja mantida, há procedimentos de exclusão, de segregação, dos quais trata o autor: a interdição da palavra, a segregação da loucura e a vontade de verdade. O primeiro tem a ver com a definição do que pode ou não ser dito em cada circunstância. O segundo refere-se à oposição entre loucura e razão, isto é, o discurso do locutor e o discurso dos sãos. O terceiro diz respeito ao fato de que toda produção discursiva leva em conta uma vontade de verdade reforçada e reconduzida por um compacto conjunto de práticas institucionais que consideram a valoração que se faz do discurso e como ele é distribuído entre os indivíduos. Esse conjunto de procedimentos exerce controle sobre a produção dos discursos numa sociedade. Um controle que é exercido a partir do princípio da exclusão via procedimentos de interdição, separação e rejeição.

Levar em conta a ordem dos discursos significa considerar a existência de um poder que proíbe a manifestação livre do discurso. Ao passo que exerce controle sobre a produção dos discursos, os discursos acabam reproduzindo esse poder:

[...] uma vez que o discurso — a psicanálise mostrou-o — não é simplesmente o que manifesta (ou esconde) o desejo, é

(83) 3322.3222

contato@sinafro2018.com.br

www.sinafro2018.com.br

também aquilo que é objeto do desejo, e porque — e isso a história desde sempre o ensinou — o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é aquilo pelo qual e com o qual se luta, é o próprio poder de que procuramos assenhorear-nos (FOUCAULT, 2012, p. 10).

Por causa dos procedimentos de exclusão, como a interdição, por exemplo, a produção de discurso equivale a poder, isto é, produzir discursos na ordem do discurso é uma forma de lutar pelo poder e de exercer o próprio poder. Numa ordem em que uns podem e outros não podem falar, poder falar é um exercício de poder, uma forma de manutenção do poder. Uma forma de estabelecimento de controle, de manutenção da ordem.

Foucault (2012) entende o poder a partir de uma concepção metafísica: o poder está em todo lugar, difuso na sociedade, sendo mais uma relação do que uma propriedade. Não se apropria do poder, mas se exerce poder e se faz isso no discurso e pelo discurso. Para o autor, toda forma de saber é um produto das relações de poder. Poder que é exercido pelas classes dominantes em todas as instituições sociais que controlam a produção de discursos. Assim, por exemplo, na classe política, na classe jurídica, na classe religiosa, respectivamente, são os discursos controlados por aqueles que, em cada classe, exercem o poder, levando em conta os procedimentos de exclusão. São tomados como verdadeiros os discursos que são produzidos na ordem estabelecida em cada classe.

Assim, se o poder se exerce por meio do discurso, é possível dizer que se pode utilizar do discurso para alcançar diversos efeitos de sentido, dentre os quais o de afetar o outro, de violentá-lo de alguma forma. Desse modo, o discurso pode constituir uma forma de violência, ou, noutras palavras, é possível utilizar o discurso para agir violentamente, como uma espécie de instrumento para a violência. Mesmo que seja uma violência simbólica, nos termos em que trata Bourdieu. É simbólica porque a violência pode estar mascarada no discurso, de maneira muito tímida, quase imperceptível.

Análise

Um breve olhar sobre a literatura brasileira poderá demonstrar que a presença do negro mostra-se de modo muito rarefeito. São tão poucos os romances, por exemplo, que trazem o negro como personagem ou mesmo como história que talvez seja possível conta-los. Segundo Duarte (2013), na literatura brasileira, o negro estar presente muito mais como tema do que como voz autoral. De fato, como personagem, o negro ocupa um lugar pouco expressivo na literatura brasileira, quase sempre de coadjuvante ou, mais acentuadamente no caso dos homens, de vilão (DUARTE, 2013), e no caso das mulheres, de prostituta ou assumindo profissão economicamente menos favorecida. Assim foi desde o início da produção literária do país: uma visão estereotipada sobre o negro que, com algumas variações, tem permanecido até os dias atuais.

Na tentativa de historicizar acerca da presença do negro na literatura brasileira, Duarte (2013) aponta um conjunto de representações (pejorativas, em sua maioria) que foram sendo construídas sobre o negro: a do escravo nobre (*A escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães), a do negro vítima (*O navio negreiro*, de Castro Alves), a do negro infantilizado (*O demônio familiar*, de José de Alencar), a do escravo demônio (*As vítimas-algozes*, de Joaquim Manuel de Macedo), a do negro pervertido (*O bom crioulo*, de Adolfo Caminha), a do negro exilado na cultura brasileira (*Urucungo*, de Raul Bopp). Nessas e em outras obras que tematizam a figura do negro (seja como personagem ou como narrativa), prevalece uma visão bastante estereotipada da cultura dominante. Até mesmo em obras

que apresentavam um caráter quase que revolucionário, porque seus respectivos autores pareciam lutar em prol da causa abolicionista, ainda é possível enxergar a dominação de um pensamento do branco.

Em particular, na obra de Monteiro Lobato, a figura do negro é sempre presente, seja como personagem ou narrativa. No rol de suas obras, destacam-se *Negrinha* e *O presidente negro*. Na literatura infantil, personagens como Tia Nastácia, Tio Barnabé e Saci aparecem com frequência em diversas de suas obras, dentre as quais *Narizinho arrebitado*, *O Marquês de Rabicó*, *Reinações de Narizinho*, *Histórias de Tia Nastácia*, *Caçadas de Pedrinho*, *O Saci* e muitas outras. No geral, as obras do autor orientam-se pelo estereótipo dominante de que o negro pertence a uma raça inferior a do branco, por isso o seu lugar de desfavorecimento. Dos três personagens citados acima, por exemplo, a representação do Saci é quase demoníaca, Tia Nastácia é apresentada como empregada doméstica, mesmo já sendo idosa – o que remonta à escravidão – e Tio Barnabé como um velho fumante que tem conhecimentos míticos sobre a floresta e o folclore.

Na obra *Caçadas de Pedrinho*, em vários trechos, há referências à personagem Tia Nastácia que possibilitam um questionamento acerca de um teor racista.

— É guerra e das boas. Não vai escapar ninguém — nem **Tia Nastácia**, que **tem carne preta**. As onças estão preparando as goelas para devorar todos os bípedes do sítio, exceto os de pena (LOBATO, 2009, p. 22).

A pobre negra era ainda mais desajeitada do que Rabicó e Dona Benta somados. Quando depois de inúmeras tentativas, ia se tentando sobre as pernas de pau, perdeu de súbito o equilíbrio e veio ao chão, num **berro** (LOBATO, 2009, p. 27).

Sim, era o único jeito — e Tia Nastácia, esquecida dos seus numerosos reumatismos, **trepou que nem uma macaca de carvão** pelo mastro de São Pedro acima, com tal agilidade que parecia nunca ter feito outra coisa na vida senão trepar em mastros (LOBATO, 2009, p. 39).

Os termos em destaque acentuam o suposto racismo de que trataria a obra de Lobato. São associadas conotações pejorativas à personagem Tia Nastácia. Em todas elas, é como se a personagem sofresse um processo de zoomorfização, porque as comparações se sustentam sempre na relação com animais. Assim, no primeiro excerto, a atribuição feita à personagem sugere uma comparação com animais que possuem a carne escurecida, dentre os quais certas aves de rapina, como o urubu. No segundo e no terceiro excertos, os verbos é que permitem a comparação, porque associam ações de animais à personagem Tia Nastácia: berrar e trepar. Lexicalmente, esses verbos denotam ações desenvolvidas por animais: berrar refere-se ao som produzido por mamíferos como os bovinos e trepar à atitude de alguns animais de subir em árvores agarrando-se com os pés e as mãos. Também no terceiro excerto há a comparação da personagem Tia Nastácia com uma macaca. A adjetivação “de carvão” reforça a referência à cor da personagem.

Aspectos como esses têm motivado críticas severas ao autor, acusado de preconceito e de racismo, especialmente com os negros. Mais recentemente, obras de Lobato foram alvo de acusações no Conselho Nacional de Educação, dentre as quais *Caçadas de Pedrinho*. No geral a acusação criticava o uso descuidado dessas obras nas escolas e a sua distribuição gratuita pelo Ministério da Educação. A denúncia sustentava-se no argumento de que deve a educação forma se abster de livros, material didático ou qualquer outra forma de expressão que, em tese, contivesse expressões de prática de racismo cultural, institucional ou individual na Educação Básica e na Educação Superior. O Conselho Nacional de Educação emitiu parecer acerca da denúncia realizada, alertando sobre a cautela que se deve ter quanto ao uso de obras como essa:

(83) 3322.3222

contato@sinafro2018.com.br

www.sinafro2018.com.br

A crítica realizada pelo requerente foca de maneira mais específica a personagem feminina e negra Tia Anastácia e as referências aos personagens animais tais como urubu, macaco e feras africanas. Estes fazem menção revestida de estereotipia ao negro e ao universo africano, que se repete em vários trechos do livro analisado.

Conforme alertam estudiosos do campo da literatura, é possível utilizar autores da literatura brasileira que tratam direta ou indiretamente da temática racial, porém, deve-se tomar cuidado com os textos que podem reforçar preconceitos, e que dão a possibilidade de interpretações negativas. É importante que o professor tenha criatividade para destacar os pontos interessantes do texto e trabalhar a intertextualidade. O alerta e a denúncia em relação à adoção desse livro e de outras obras que apresentem estereótipos raciais devem ser entendidos como parte do processo democrático e integra o debate público e o exercício do controle social da educação realizado pela comunidade escolar em relação à política e às práticas educacionais adotadas, quer seja nos níveis federal, estadual, municipal ou distrital.

A obra CAÇADAS DE PEDRINHO só deve ser utilizada no contexto da educação escolar quando o professor tiver a compreensão dos processos históricos que geram o racismo no Brasil. Isso não quer dizer que o fascínio de ouvir e contar histórias devam ser esquecidos; deve, na verdade, ser estimulado, mas há que se pensar em histórias que valorizem os diversos segmentos populacionais que formam a sociedade brasileira, dentre eles, o negro (BRASIL, 2010).

A recomendação do Conselho é de que obras como a de Lobato não sejam excluídas do currículo escolar e de programas de distribuição de livros de leitura, porque os alunos precisam ter o conhecimento dos clássicos. Entretanto, há que se cuidar em esclarecer aos alunos sobre as especificidades que envolvem o contexto de produção dessas obras, de modo que compreendam ser o preconceito nelas existente um resquício do momento histórico vivido pelo país. O cuidado é que a escola não se transforme numa instituição reprodutora de discriminação racial e preconceitos sociais fundados nas ideologias das classes dominantes, como colocava Bourdieu. O cuidado é para que a escola não estimule ou mesmo pratique uma violência simbólica, pelo discurso da literatura, contra o negro.

Na verdade, o que ocorre com a obra de Lobato é justamente o seguinte: instaura-se, de fato, uma violência simbólica contra o negro. Essa violência é materializada no discurso, ainda que de forma velada, disfarçada sob o argumento do estilo e da licença literária. Ora, era justamente esse o pensamento das classes dominantes daquela época (início do século vinte). Inconformados com a abolição, ou ainda com resquícios desse período, a classe dominante não concordava que os negros tivessem os mesmos direitos que os brancos, que recebessem o mesmo tratamento. Era justamente para essa classe que Lobato escrevia. Apesar de estarem legalmente libertos, os negros ainda não tinham acesso aos bens culturais, às culturas letradas. Nesse caso, o autor reproduz na literatura a discriminação e o preconceito da classe dominante para com o negro – a literatura funciona como um instrumento de reprodução. A cada leitura da obra, a depender do contexto e do modo como se efetiva a leitura, se instaura uma forma de violência, uma violência simbólica.

Quando essa obra é lida na escola, por exemplo, os alunos negros identificam-se com a personagem e sofrem a violência, a discriminação materializada no discurso. Muitos deles, por vezes, não conseguem perceber ou visualizar a violência que lhes está sendo imposta, seja porque a tratam como natural, porque preferem fingir não perceber para que os outros não atentem também para tal fato ou porque não a considerem como uma violência. É por isso que ela, a violência aí instaurada, é simbólica, é velada. Ela se materializa no símbolo, no discurso em forma de texto literário. E nesse caso, porque o texto literário tem um matiz quase que de sagrado (ou de profano), principalmente no caso dos textos clássicos, como o de Monteiro Lobato, é muito mais difícil de perceber a violência praticada.

Uma violência que se atualiza em outras formas de discurso, noutros contextos. É o que tem acontecido nos

estágios de campo de futebol atualmente. Os jogadores de futebol são em sua maioria negros, inclusive os jogadores de mais destaques, dentre os quais o famoso Pelé (Edson Arantes do Nascimento) e, mais recentemente, Neymar Junior (Neymar da Silva Santos Junior). Todavia, apesar de não se discutir sobre o mérito de jogadores negros, os próprios estágios de futebol tem sido palco de preconceitos e discriminação racial. São frequentes os casos em que alguns jogadores negros são chamados de macacos pelos torcedores de times adversários ou não ou de torcedores que imitam sons e gestos de macacos em direção aos atletas. Numa pesquisa simples na *internet*, facilmente encontramos notícias que tratam sobre fatos como esse, o que atesta sua recorrência:

Aranha é chamado de 'macaco' por torcida do Grêmio (ESPN Brasil, 28/08/2014).

Clube mexicano condena racismo contra Ronaldinho (O Globo, 15/09/2014).

Jogador brasileiro chora ao ser chamado de macaco durante partida na Sérvia (Portal do Holanda, 20/02/2017).

Jogador do Bahia reclama que foi chamado de macaco e sai irritado (UOL, 22/10/2017).

Jogador do São Paulo é chamado de "macaco" em jogo da Libertadores Sub-20 (Globoesporte.com, 21/02/2018)

Jogador é chamado de 'macaco' por torcedor adversário após derrota (Esporte ao minuto, 20/03/18).

Como se percebe, tanto no Brasil como também nos estágios e campos de futebol de outros países tem ocorrido situações de discriminação e racismo contra jogadores negros, fundados, quase sempre, na metáfora do macaco. Não é à toa, como se pode ver, que órgãos como a Confederação Brasileira de Futebol têm providenciado campanhas contra o racismo, tendo em vista a proteção e o bem-estar dos jogadores de futebol. Por exemplo, a campanha “Somos Iguais”, da Confederação Brasileira de Futebol, recentemente desenvolvida, teve o objetivo de conscientizar jogadores e torcedores sobre a necessidade de repúdio a qualquer ato de preconceito, seja racial, econômico, religioso, social, sexual, dentre outros. Também certos órgãos do futebol internacional têm investido em campanhas desse tipo, como a União das Federações Europeias de Futebol.



Fonte: www.google.com.br.

Mesmo que os dispositivos de controle da produção discursiva, especialmente a interdição, proíbam a produção de discursos como esses nos campos de futebol, há sujeitos que infringem a ordem, que fogem ou rompem a ordem do discurso. Nos campos de futebol, é justamente isso que têm ocorrido, alguns discursos têm rompido com a ordem, apesar dos dispositivos jurídicos

(83) 3322.3222

contato@sinafro2018.com.br

www.sinafro2018.com.br

tentarem controlar a todo tempo e reprimirem qualquer tipo de produção discursiva que tente instaurar uma desordem. É o que ocorre no texto reproduzido a seguir, que noticia um caso de injúria racial cometido durante um jogo de futebol:

Jogador do Corinthians de 17 anos é chamado de 'macaco' por torcedor

Policiais militares detiveram neste domingo um torcedor por injúria racial. Ele teria chamado um atacante do Corinthians de "macaco" durante partida do sub-17. A ofensa ocorreu no jogo válido pela 2ª rodada do Grupo 6 da Taça BH, em Guaxupé (MG), entre a equipe paulista e a Sociedade Esportiva Guaxupé.

O placar do jogo terminou em 7 a 0 para o Corinthians e a confusão aconteceu no segundo tempo envolvendo o atacante Miullen Nathã, principal destaque do time alvinegro. O jogador também atua na seleção brasileira sub-17 e ao ser ouvido pela polícia alegou que não viu quem o xingou, apenas ouviu a ofensa.

A diretoria do Corinthians não quis prestar queixa, sendo o torcedor de 34 anos liberado após ser levado à delegacia. Ele confirmou ter falado algo para os jogadores em geral e negou o teor racista das palavras. O caso, porém, será objeto de investigação por parte da Polícia Civil de Varginha.

O atleta de 17 anos foi ouvido pela polícia ainda no vestiário e contou ter avisado o árbitro Marcos Aurélio Fazekas sobre o problema. O acusado, das iniciais E.R.M., trabalha como vendedor na cidade e o jogo acontecia no Estádio Carlos Costa Monteiro.

De acordo com a ocorrência, o torcedor estava na companhia do filho e teria gritado: "O que você está rindo, seu macaco!". Outros presentes ao jogo teriam indicado o autor do xingamento aos policiais que fizeram a detenção. Houve um princípio de tumulto e, de acordo com o tenente Márcio Teófilo Nunes, a situação foi controlada e o suspeito retirado do local. O atleta foi orientado pela comissão técnica a não falar sobre o insulto. Antes de deixar o vestiário, ele ainda tirou fotos com torcedores e deu autógrafos. "Estou tranquilo, está tudo bem...", se limitou a dizer. O caso foi registrado na 18ª Delegacia Regional de Segurança Pública.

(Huffpost, 13/07/2015).

A acusação sustenta-se na afirmação de que o torcedor cometeu uma injúria racial ao chamar o atacante do Corinthians de macaco. Apesar da acusação, o jogador prefere silenciar diante da ofensa, por recomendação da própria diretoria do time. Também o acusado preferiu negar a acusação que lhe fora feita, dizendo que as palavras por ele proferidas não continham teor racista, de modo que a acusação de injúria seria infundada. Mesmo diante do infortúnio em pleno de jogo, o controle da situação foi mantido pelos agentes de segurança e o acusado foi retirado do local. A fala do jogador sugere justamente a ideia de pacificação da situação.

O discurso do torcedor rompe com a ordem estabelecida, com a ordem do discurso. É como se burlasse o princípio da interdição, retomando o termo de Foucault (2012), com vistas a exercer uma violência sobre o outro, uma violência simbólica, que pretende velada, porque, se desmascarada, ela é combatida. É exatamente isso que acontece quando o jogador denuncia ao juiz sobre o que ouviu: o que pretende é combater a violência que lhe está sendo exercida. Mas existem agentes, certos dispositivos que tentam, a todo custo, silenciar a denúncia, como se preferissem omitir a violência sofrida pelo jogador, porque isso teria especulação na mídia e uma repercussão desse tipo pode não ser muito positiva para a imagem do clube. É como se a imagem do clube estivesse acima da violência sofrida pelo jogador – se se considera uma hierarquia de valores.

Considerações finais

Conforme se percebe na análise acima, é como se a metáfora do macaco utilizada por Monteiro Lobato para referir-se aos seus personagens negros, especialmente Tia Nastácia, estivesse sendo atualizada nos campos e estágios de futebol. Não que estejamos insinuando uma relação diretiva, ou seja, que o torcedor tenha feito leitura da obra de Lobato e que, por essa razão, tenha adotado uma postura ofensiva em relação ao jogador, como se tivesse aprendido com o autor. Não se trata disso. Na verdade, o que ocorre é que a mesma ideologia dominante parece permanecer como se estivesse se renovando e adentrando ainda outros espaços. São formas muito semelhantes de exercício de uma violência simbólica sobre o negro, que tem sido exercida desde que a lei da escravidão foi abolida. Uma alternativa para manter o negro sob violência: no lugar da violência física, proibida, a violência simbólica, disfarçada, mascarada no discurso, mas, por ironia, exercida no próprio discurso.

É um tipo de violência difícil de ser combatida, apesar das tentativas de repressão e de controle: no caso do texto literário de Lobato, mesmo diante de uma denúncia feita ao órgão do Conselho Nacional de Educação, no sentido de controlar a utilização desse livro na escola, o caráter de clássico atribui uma valoração ao livro e nega a possibilidade de preconceito e de discriminação racial. No caso do discurso proferido no estágio de futebol, há um conjunto de agentes que tentam frear a acusação de injúria racial sobre o torcedor, porque temem uma possível repercussão na mídia. Em todo caso, é como se esses procedimentos funcionassem como agências de fomento ou pelo menos de conformismo da violência simbólica que têm os negros sofridos.

Nos campos de futebol, nem sempre a violência sofrida por meio do discurso passa despercebida. Na verdade, como parece já existir uma cultura do racismo no futebol, o que fica atestado pelo número frequente de ocorrências de situações de preconceito e de violência pelo discurso, principalmente proferido pelos torcedores, bem como considerando as diversas campanhas voltadas para repressão e punição dos casos de preconceito, como demonstramos anteriormente nesse trabalho, os jogadores negros têm denunciado e demonstrado insatisfação com as situações de violência a que são submetidos nos estágios. Mesmo assim, são muitos ainda os casos de impunidade, porque às vezes esse é também a ideologia da própria classe que seria responsável pela punição, que detém o poder para tal. E tudo perpassa as relações de poder.

Referências

BOURDIEU, P. Conferência do Prêmio Goffman: a dominação masculina revisitada. In: LINS, D. (Org.). **A dominação masculina revisitada**. Campinas: Papirus, 1998, pp. 11-27.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BOURDIEU, P. & EAGLETON, T. A doxa e a vida cotidiana: uma entrevista. In: ŽIŽEK, S. (Org.). **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007, pp. 265-278.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. 13ª ed. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BRASIL. Conselho Nacional de educação. **Parecer CNE/CEB nº 15/2010**. Relatora: Nilma Lino Gomes. 1º/9/2010.



DUARTE, E. A. O negro na literatura. In: **Navegações**. V. 6, n. 2, jul./dez, 2013, p. 146-153.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

LOBATO, M. **Caçadas de Pedrinho**. 3 ed. São Paulo: Globo, 2009

